



Cristina Brattig Almeida.
O Minotauro II.
65x21x23 cm.
Cerâmica canadense, ouro
por A. Vanderlinde (SC)
e fios de aço para
sustentação aérea.
2023, 2024 e 2025.
Fotografia: Carlos Pontalti

ENSAIO VISUAL

**CRISTINA BRATTIG ALMEIDA
EM OS MITOS DA ILHA
DE CRETA E OUTRAS
MITOLOGIAS**

SANDRA MAKOWIECKY - ABCA/SANTA CATARINA

Cristina Brattig Almeida constrói uma produção que opera na intersecção entre matéria, mito e contemporaneidade. Sua trajetória, iniciada em 2014, revela uma artista movida por investigação rigorosa: além do domínio técnico, há um estudo aprofundado da química dos materiais, da resistência das tintas e do comportamento das superfícies diante do fogo. A matéria, em seu trabalho, não é mero suporte, mas campo de experimentação e tensão.

Cada série nasce de um mergulho conceitual prolongado. Cristina não ilustra mitos: ela os reinscreve. Seus mitos não são citações iconográficas. São reaparições. Anjos, sereias, aracnes, deusas, touros e minotauros reaparecem como figuras deslocadas do tempo linear, como imagens que atravessaram séculos e retornam carregadas de intensidade. São presenças arcaicas que insistem no presente, operando como dispositivos simbólicos que ativam dualidades — sedução e ameaça, divino e animal, força e vulnerabilidade.

Aqui, a aproximação com a noção warburguiana de *Pathosformel* torna-se decisiva: certas formas sobrevivem porque condensam gestos de afeto extremo — tensão, desejo, terror, êxtase — que persistem na cultura como energia latente. Não se trata de permanência formal, mas de sobrevivência pulsional. Ao explicitar essas *Pathosformeln*, Cristina tensiona a ideia de tradição como continuidade estável. A herança cultural não é linear nem pacificada; ela é campo de forças. O mito sobrevive porque sua carga afetiva ainda nos constitui.

Mais do que visitar a mitologia grega, sua obra expõe a persistência das intensidades que estruturam o humano. Entre sedução e ameaça, controle e excesso, civilização e instinto, suas esculturas afirmam que as imagens não morrem, elas sobrevivem como energia, aguardando novas formas de encarnação.

Rer ler essa cultura é trazer à superfície narrativas que, há milênios, continuam a nos estruturar. A mitologia grega permanece como uma das mais fecundas fontes da arte, da

literatura e da filosofia. Seus mitos falam de amor e volúpia, de criação e destruição, de engenho e destino.

Há, em sua produção, uma compreensão implícita de que as imagens não pertencem exclusivamente ao passado. Elas reaparecem, deslocadas, anacrônicas, carregando temporalidades sobrepostas. As esculturas funcionam como lugares de condensação de tempos heterogêneos onde arcaico e contemporâneo coexistem sem hierarquia. O que vemos não é uma recuperação histórica, mas uma atualização de forças simbólicas que nunca cessaram de agir, como restos ativos, como camadas que se acumulam e reaparecem sob novas configurações. O anacronismo torna-se método: o arcaico emerge no presente não como nostalgia, mas como fratura.

A artista costuma, quando possível, estender essa lógica ao espaço expositivo. A mostra não organiza objetos isolados, mas constrói um campo relacional, considerando o espaço como extensão da obra. As peças se articulam como constelação, instaurando um percurso no qual

o espectador atravessa tensões formais e afetivas. O espaço torna-se dispositivo narrativo e também crítico: ali, a imagem não repousa, ela confronta. Há uma consciência espacial que transforma a mostra em experiência imersiva.

O que se percebe nessas séries é a persistência e a surpreendente contemporaneidade desses temas arcaicos. Distantes e próximos, familiares e inquietantes, sedutores e ameaçadores, seus personagens encarnam dualidades constantes: poder e vulnerabilidade, divino e demoníaco, desejo e perigo, hibridismo e ambiguidade. Suas figuras exibem a força silenciosa do que atravessa as eras. Como toda arte que se sustenta no tempo, oferecem vislumbres de verdades permanentes, jamais inteiramente reveladas.

Estudar mitologia é compreender como um povo enxergava o mundo, organizava suas crenças e atribuía sentido à existência. Os mitos aproximavam deuses e homens, conferindo características humanas às divindades e oferecendo narrativas que

ensinavam, advertiam e estruturavam valores. Serviam para explicar a origem das coisas, os fenômenos naturais, as paixões humanas e as formas de poder.

A série *Os Mitos da Ilha de Creta* nos conduz à primeira grande civilização do Mar Egeu, matriz de narrativas fundadoras da cultura ocidental. Ao revisitá-la, a artista não realiza um gesto arqueológico, mas um movimento de reinterpretação.

Composta por dezoito esculturas em cerâmica, bronze, acrílico e madeira, Cristina revisita o imaginário da civilização minoica não como retorno arqueológico, mas como operação crítica. Personagens como *Zeus*, *Pasífae*, *Ariadne*, *Minos*, *Ícaro* e *Dédaio*, entre outros, emergem despojados de qualquer nostalgia clássica. O mito, aqui, é estrutura viva, como campo de reativação simbólica. O que interessa não é a heroicização, mas a fratura, um desejo excessivo, hibridismo, transgressão, queda.

Reapresentar Creta hoje é visitar questões fundamentais: desejo, paixão, ciúme, força interior, transgressão, engenho e queda. É também reconhecer

a ancestralidade cultural que, direta ou indiretamente, atravessa as Américas e estrutura grande parte do pensamento ocidental.

Cristina reinscreve essas fórmulas de páthos em matéria contemporânea. Suas esculturas não apenas ilustram o mito; elas reativam a carga emocional que o tornou transmissível. O *Minotauro*, por exemplo, deixa de ser apenas criatura narrativa para tornar-se gesto condensado de hibridismo e conflito, deixando de ser criatura monstruosa para tornar-se figura-limite: zona híbrida onde humano e animal se contaminam. *Pasífae* não encarna apenas a transgressão; ela corporifica o excesso como força desestabilizadora e encarna a força disruptiva do desejo. *Ícaro* não representa a queda, mas a intensidade do impulso que antecede o desastre e reinscreve o impulso e a queda como movimentos permanentes da experiência contemporânea. Em todos os casos, o que se atualiza é a fórmula afetiva.

Ao ativar esses mitos, Cristina problematiza a própria ideia de herança cultural. O legado não é

estático: ele se transforma a cada reinterpretação. Uma imagem ressurgem em outra, um símbolo desloca-se de contexto e adquire novos sentidos. Sua obra evidencia que a tradição não é repetição, mas reconfiguração. São figuras que retornam — não como citações eruditas, mas como reaparições. Persistem porque ainda nos atravessam. O mito, aqui, opera como estrutura de intensidade. Mais do que revisitar a mitologia grega, a artista expõe sua permanência estrutural.

O que os mitos de Creta ainda têm a nos dizer? Talvez falem, sobretudo, de nós mesmos. Em última instância, a obra de Cristina é uma reflexão sobre a persistência das intensidades que estruturam o humano. Os mitos persistem porque falam das tensões que continuam a nos atravessar. Entre o humano e o monstruoso, o racional e o instintivo, o controle e o excesso, suas esculturas instauram um campo de ambiguidade que é, em última instância, profundamente contemporâneo.



Figura 1. Cristina Brattig Almeida. *O Rapto de Europa*. 58x29x56 cm. Bronze 85 (Fundição São Vicente/MG). 2023, 2024 e 2025. Fotografia: Carlos Pontalti



Figura 2. Cristina Brattig Almeida. *Taurocatápsia*. 34x8x39 cm. Bronze 85 (Fundição Fundiart/SP). 2023, 2024 e 2025. Fotografia: Carlos Pontalti



Figura 3. Cristina Brattig Almeida. *Pasífae I*. 54x26x25 cm. Cerâmica canadense, tecido, pedrarias e ouro por A. Vanderlinde (SC). 2023, 2024 e 2025. Fotografia: Carlos Pontalti



Figura 4.
Cristina Brattig Almeida.
Pasífae II.
10x13x33 cm.
Cerâmica canadense e bronze 85
(Fundição Fundiart/SP).
2023, 2024 e 2025.
Fotografia: Carlos Pontalti



Figura 5.
Cristina Brattig Almeida.
Pasífae III.
64x10x61 cm.
Madeira de lei e bronze 85
(Fundição Fundiart/SP).
2023, 2024 e 2025.
Fotografia: Carlos Pontalti



Figura 6.
Cristina Brattig
Almeida.
O Touro de Creta.
33x11x22 cm.
Cerâmica canadense
e ouro por A.
Vanderlinde (SC).
2023, 2024 e 2025.
Fotografia: Carlos
Pontalti



Figura 7.
Cristina Brattig Almeida.
Ícaro III.
38x24x75 cm.
Bronze 85 (Fundição São Vicente/MG),
ferro e acrílico.
2023, 2024 e 2025.
Fotografia: Carlos Pontalti



Figura 8. Cristina Brattig Almeida. *O Minotauro II*. 65x21x23 cm. Cerâmica canadense, ouro por A. Vanderlinde (SC) e fios de aço para sustentação aérea. 2023, 2024 e 2025. Fotografia: Carlos Pontalti



Figura 9.
Cristina Brattig Almeida.
Dédalo I.
45x36x33cm.
Cerâmica, ferro, madeira e acrílico.
2023, 2024 e 2025.
Fotografia: Carlos Pontalti



Figura 10.
Cristina Brattig Almeida.
Zeus II.
36x16x48 cm (cada).
Cerâmica canadense e bronze 85
(Fundição Fundiart/SP).
2023, 2024 e 2025.
Fotografia: Sandra Makowiecky



Figura 11.
Cristina Brattig Almeida.
A Deusa das Serpentes.
34x17x56 cm.
Cerâmica canadense e tecido.
2023, 2024 e 2025.
Fotografia: Sandra Makowiecky



Figura 12.
Cristina Brattig Almeida.
Zeus I. 15x13x9cm.
Cerâmica canadense e ouro
por A. Vanderlinde (SC).
2023, 2024 e 2025.
Fotografia: Carlos Pontalti



Figura 13.
Cristina Brattig Almeida.
O Minotauro II.
65x21x23 cm.
Cerâmica canadense, ouro
por A. Vanderlinde (SC)
e fios de aço para
sustentação aérea.
2023, 2024 e 2025.
Fotografia: Carlos Pontalti

SANDRA MAKOWIECKY

Professora titular aposentada da UDESC - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) na gestão 2022-2024. Coordenadora do Museu da Escola Catarinense em três gestões (2012-2016; 2016-2020; 2020-2024). Possui diversas publicações, sobretudo na área de Artes. Atualmente coordena o Passeio Cultural Primavera e integra o Conselho do Instituto Collaço Paulo. Como destaques, podemos citar: Prêmio Gonzaga Duque, atribuído pela ABCA em 2015; Prêmio Confap de Ciência, Tecnologia e Inovação em 2021 e Prêmio Fritz Muller, pesquisador destaque na área de Linguística, Letras e Artes no Estado de Santa Catarina, no ano de 2022.